



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

### RELAÇÃO ENTRE MATERIALIDADE HISTÓRICA E MATERIALIDADE LINGUÍSTICA EM UMA CAPA DA REVISTA *VOCÊ S/A*

Susana Soares dos Santos\*  
(UESB)

Edvania Gomes da Silva\*\*  
(UESB)

#### RESUMO

Neste trabalho analisamos um recorte da revista *VOCÊ S/A*, com o objetivo de pensar a memória discursiva e seus efeitos na atualidade de um acontecimento. Para tanto, consideraremos os estudos de Courtine a respeito da existência histórica do enunciado, como este se manifesta no interior do interdiscurso de uma Formação Discursiva. Para embasar nossa análise, recorreremos também aos postulados teóricos-analíticos da Escola Francesa de Análise de Discurso, considerando os estudos de Silva(2006, 2012), Fonseca-Silva(2007), Maingueneau(2005), Pêcheux(1983, 2012).

**PALAVRAS CHAVES:** formação discursiva.Memória. Interdiscurso.

#### INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar a revista *VOCÊ S/A*, tendo como base o conceito de memória discursiva de Courtine, a fim de verificar como os sentidos se estabelecem a partir da relação entre o eixo da memória e o da formulação. Os dados

---

\* Discente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – PPGLin/UESB, nível Mestrado; membro do Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso (GPAdis); email: susanasns@yahoo.com.br.

\* Professora Adjunta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e professora efetiva do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (CAPES/UESB) e do Programa de Pós-Graduação em Linguística (CAPES/UESB). Membro do Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso e do Grupo Fórmulas e Estereótipos: Teoria e Análise (FEsTA). Orientadora do projeto de mestrado que deu origem a este artigo; email: edvania\_g@yahoo.com.br.



analisados fazem parte de uma capa da revista VOCÊ S/A, publicada no mês de novembro de 2011, edição 173, cujo título diz: *Os pecados do trabalho – As tentações da ganância, da inveja, da soberba nunca estiveram tão presentes em nossa vida profissional. São sentimentos muitas vezes transformados em atos que corroem o ambiente e podem destruir sua carreira. Entenda como eles se manifestam e como você pode evitá-los.* Esse trabalho é um recorte de um projeto maior, vinculado a uma pesquisa, desenvolvida no Programa de Mestrado em Linguística da UESB.

Para nortear nossa análise, levantamos as seguintes questões: Que memória discursiva é retomada nesses dizeres? E que efeito(s) de sentido(s) esses dizeres materializam? A hipótese é de que a revista VOCÊ S/A cumpre a função de orientar, de conduzir, de ensinar seu leitor para o caminho do sucesso e da felicidade, fazendo com que seu coenunciador se desvie de “erros graves” que podem destruir sua carreira. Nesse sentido, o enunciador VOCÊ S/A assume a posição de um sábio que ensina e orienta.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Em seu artigo *Mídia e Lugares de Memória Discursiva*, FONSECA-SILVA (2007) opera deslocamentos nos conceitos de *lugar de memória* (Halbwachs, 1925, 1950; Nora, 1984), *domínios de memória* (Foucault, 1969) e *memória discursiva* (Courtine, 1981, 1994), para pensar as mídias como um *lugares de memória discursiva* na sociedade contemporânea. Assim, diz a autora:

Se quisermos analisar de que forma as mídias funcionam como lugares de construção de memória na sociedade contemporânea, temos que pensar como se dá a apropriação de uma real fragmentado e disperso e a construção de um imaginário que se confunde com o próprio real nas materialidades simbólicas de significação que envolvem o verbal e o não verbal. É nesse sentido que tomamos anúncios publicitários como espaço simbólico de significação e, conseqüentemente, como lugares de memória discursiva e social (FONSECA-SILVA, 2007, p. 25).



Sendo assim, a revista VOCÊ S/A é uma materialidade simbólica de significação que funciona como um lugar de memória discursiva. E é sobre essa memória discursiva que queremos discorrer, neste trabalho, tendo como *corpus* um recorte da referida revista.

Segundo Courtine (2009, p.105-106), a noção de memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas, isto é, o enunciado significa pela história e pela língua. Essa relação entre língua e história, no interior da AD, é explicada por Courtine por meio do estabelecimento de diferenças entre o nível do enunciado (ou interdiscurso) e o nível da formulação(ou intradiscurso). Por interdiscurso entende-se a *instância de formação/repetição/transformação dos elementos do saber* de uma Formação Discursiva (FD) (Courtine, 2009, p.100). O interdiscurso é, portanto, todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. É aquilo que fala antes, em outro lugar, o já-dito que está na base do dizível. E são essas formulações que constituem a memória de uma FD. Desta forma, o interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. Portanto, é no interior do interdiscurso que se pode identificar o *domínio de memória* de uma FD.

O intradiscurso consiste na formulação, isto é, o que é dito naquele momento dado, em condições dadas. Segundo Courtine (2009, p. 101), o intradiscurso é o *lugar onde se realiza a sequencialização dos elementos do saber*, é o ato da enunciação. E ao enunciar, o sujeito enunciador ocupa um lugar determinado no eixo de uma FD. Ou seja, a formulação está determinada pela relação que estabelece com o interdiscurso, pois este é quem determina a formulação, uma vez que só é possível dizer (formular) se se colocar na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória). Em outras palavras, *toda formulação apresenta em seu "domínio associado" outras formulações que repete, refuta, transforma, denega* (Courtine, 2009, p.104).

Desta forma, todo dizer se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória – em que os “enunciados”, na formação dos quais se constitui o saber próprio de uma FD, *existem no tempo longo de uma memória*; e o da atualidade – em que as “formulações”

*são tomadas no tempo curto da atualidade de uma enunciação. E é nesse jogo que os sentidos se estabelecem.*

De acordo Pêcheux (1983), *discurso* é definido como estrutura e acontecimento, e *acontecimento* (o fato novo) como o encontro de uma atualidade no espaço de memória que ele evoca. Sendo assim, a matéria da capa da revista materializa a relação entre uma estrutura e um acontecimento. E na sua materialidade linguística consideramos que *uma enunciado não se assenta no absoluto; ele deve ser situado em relação a alguma coisa* (Maingueneau, 2005, p.105). É a partir desse espaço de memória que a análise do recorte se insere.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A capa da revista traz várias informações sobre o conteúdo das matérias publicadas, na edição, entretanto nossa análise se restringe a matéria da capa. Vejamos o que diz: *Os Pecados do Trabalho* abaixo do título, funcionando como *lead* da reportagem, em letras menores, se encontram as seguintes formulações: *As tentações da ganância, da inveja, da soberba nunca estiveram tão presentes em nossa vida profissional. São sentimentos muitas vezes transformados em atos que corroem o ambiente e podem destruir sua carreira. Entenda como eles se manifestam e como você pode evitá-los.*

No centro da capa, destacando a palavra *pecado*, está o enunciado OS PECADOS DO TRABALHO escrito em letras maiúsculas e nas cores preto e vermelho. Visualmente, num jogo de linguagem, a palavra *pecado* está escrita em preto e vermelho, de forma degradé e, da letra **S** da palavra, sai uma cauda grande e preta, com um ferrão vermelho na ponta, a qual atravessa a palavra *pecado*.





Com base na perspectiva da AD, defendemos que, ao enunciar, o enunciador materializa diferentes efeitos de sentido, num jogo entre memória e atualidade. Nesse acontecimento discursivo, o sujeito enunciador fala de uma FD, do lugar social do líder religioso, do sacerdote, do pregador, do sábio, que neste caso fala da posição de quem conhece a 'verdade', sabe o que é o mal e pode ajudar o indivíduo a evitá-lo e a derrotá-lo.

A cor vermelha e a cor preta trazem em si uma memória, uma memória discursiva sobre o pecado. Do ponto de vista da cromatografia religiosa, na cultura cristã, a cor vermelha está historicamente associada a cor da tentação, da sedução, do pecado, do inferno e a cor preta está associada às trevas, ao mal, à condenação, à morte. Nesse caso, a cor vermelha faz referência ao pecado como algo atraente e a cor preta faz referência à queda, à consumação do pecado. Deste modo, em tais cores, temos uma memória discursiva sobre a forma do pecado, e a materialização do enunciado retoma/atualiza a ideia dessa forma de pecado presente na cultura religiosa cristã, mostrando que o pecado se apresenta com boa aparência e é atrativo. Assim, como Adão e Eva, no jardim do Éder, foram atraídos e seduzidos pela beleza do fruto oferecido pela serpente/diabo, semelhantemente, o sujeito-trabalhador, a quem o enunciador se refere, é constantemente atraído e seduzido pelos pecados da ganância, da inveja e da soberba na vida profissional.

Quanto ao jogo de imagem materializado na/pela palavra “pecado”, o enunciador faz surgir, novamente pela relação entre memória e atualidade, certa definição de diabo. A cauda, que está presa a letra **S**, aparece de forma sinuosa, dando a impressão de movimento, sugerindo ser a extensão de um corpo. Assim, o jogo imagético da palavra *pecado* na relação com a imagem da cauda, funciona como um operador de memória; memória esta que vem pelas filiações de sentidos constituídos em outros dizeres. As palavras *pecado* e *diabo*, o diabo aqui aparece pela sugestão da cauda, estabelecem uma relação de sinonímia, isto é, falar de pecado é falar do diabo na cultura religiosa cristã, ambos estão fundidos e funcionando como uma mesma coisa. Nesse sentido, tais



palavras fazem funcionar, pelo jogo da memória discursiva na relação com o acontecimento, relações verificadas por meio das materialidades linguística e imagética. Nessa perspectiva, o diabo, satanás é a materialização do pecado, e este se personifica numa imagem, cujo corpo é vermelho, possui chifres e uma enorme cauda. Tal imagem é uma construção sócio-histórica de uma tradição religiosa, cujo símbolo ganhou força a partir da Idade Média. Desta forma, ao resgatar a imagem do diabo sugerida pela presença da cauda, materializa-se um pré-construído acerca do diabo: é ele um ser perigoso que induz e persuade o indivíduo a cometer os pecados. Na perspectiva da AD, os sentidos são recuperáveis pela memória, o que é dito aqui são “verdades” construídas em outro lugar para sustentar a base desse dizer. Segundo Pêcheux (2012, p.142), *a memória se reporta a um conjunto complexo, preexistente e exterior ao organismo, constituído por séries de tecidos de índices legíveis, constituindo um corpus sócio-histórico de traços.*

A formulação *Os Pecados do Trabalho* aparecem como o efeito de memória na atualidade de um acontecimento, sob a forma de um retorno dos *Pecados Capitais*§§§, esses são evocados e retomados aqui na formulação *Os Pecados do Trabalho - As tentações da ganância, da inveja, da soberba nunca estiveram tão presentes em nossa vida profissional. São sentimentos muitas vezes transformados em atos que corroem o ambiente e podem destruir sua carreira. Entenda como eles se manifestam e como você pode evitá-los numa relação que se estabelece entre o interdiscurso (enunciado) e o intradiscursos (formulação).* Nesse caso, o título *Os Pecados do Trabalho(...)* materializa a relação entre língua e história. A expressão *os pecados* aciona uma memória discursiva sobre *os pecados capitais*, que remete à noção de algo errado, condenável, estabelecendo o pré-construído de que existe uma lista de atos reprováveis, vícios que definem à má conduta, por isso devem ser evitados.

*Os pecados capitais*, que ganharam valor histórico, funcionam na memória discursiva do sujeito enunciativo como os mais terríveis atos que o indivíduo pode

---

§§§ Os Pecados Capitais são vícios de conduta, infrações graves. Recebem esse nome porque são os líderes de todos os outros pecados e são capazes de gerarem mais outros. Foram listados oficialmente pela Igreja Católica na Idade Média e documentados e publicados pelo teólogo Tomás de Aquino, em sua Suma Teológica. (<http://www.brasilecola.com/religiao/pecados-capitais.htm>)



cometer, pois são capazes de gerar outros pecados e destruírem a vida. Em virtude da gravidade desses *pecados capitais*, a expressão *os pecados*, no título da matéria, confere um certo peso aos erros cometidos na carreira profissional, pois são tratados como pecados e não como erros. Essa memória os liga ao campo religioso. A associação entre *os pecados capitais* e *os pecados do trabalho* faz referência à noção de pecado e reatualiza a ideia cristalizada que se tem a respeito desses *pecados capitais*, que são atos graves, reprováveis e condenáveis, por isso devem ser evitados. Essa noção de pecado confere à formulação do título da reportagem um efeito segundo o qual existe na vida profissional certas “infrações” que, quando cometidas, são capazes de destruir a carreira profissional do sujeito-trabalhador.

As publicações a seguir também apresentam semelhanças com os dados aqui analisados: *Os Pecados do Marketing na Engenharia e na Arquitetura* (livro de Ênio Padilha); *Os Pecados do Vaticano* (livro de Cláudio Rendina); *Os Sete Pecados Capitais do Empreendedorismo Feminino* ([www.administradores.com.br](http://www.administradores.com.br)); *Os Sete Pecados capitais na administração* (<http://www.administradores.com.br/artigos/negocios/os-sete-pecados-capitais-na-administracao/25666/>).

Destacamos ainda, na materialidade linguística, a expressão *do trabalho* como uma locução adjetiva que delimita e especifica o substantivo *pecado*. Essa delimitação especificadora mostra que não se trata aqui da mesma lista dos *pecados capitais*, mas de uma outra lista de pecados relacionados ao campo do profissional executivo, do líder e do empreendedor. Neste caso, os *pecados do trabalho* são tão graves quanto os *pecados capitais*, pois assim como estes, aqueles também são definidos como vícios de conduta que devem ser combatidos. Segundo SILVA (2012, p.131), *os enunciadores trazem para o seu próprio campo o termo “pecados”, fazendo com que passe a funcionar como uma espécie de fórmula. Nesse caso, a religião fornece a matriz para que o(s) enunciator(es) desses discursos possa(m) explicar os “erros graves” que ocorrem em cada um dos campos a que se referem o título apresentado.* Desta forma, a materialidade linguística do enunciado *Os Pecados do Trabalho* faz funcionar um novo acontecimento discursivo.

Nessa relação entre materialidade histórica e materialidade linguística, evoca-se um distanciamento entre trabalho e vida pessoal. Ao enunciar *os pecados do trabalho*, o

enunciador distingue assim a existência de uma vida no trabalho da existência de uma vida pessoal.

Com base nos estudos de Maingueneau (2005), destacamos alguns elementos linguísticos para mostrar que a revista VOCÊ S/A enuncia do lugar de quem detém a seriedade do saber sacerdotal do empreendedorismo da liderança para conduzir seus leitores a não destruírem suas carreiras.

Uma vez que a argumentação é conduzida pelo discurso, consideramos nessa análise as marcas linguísticas por meio das quais se manifesta a enunciação. Merece atenção o uso dos embreantes\*\*\*\* de primeira e segunda pessoa que aparecerem nas seguintes formulações:

- (1) *...nunca estiveram tão presentes em nossa vida profissional;*
- (2) *...e podem destruir sua carreira.*
- (3) *Entenda como eles se manifestam e como você pode evitá-los.*

Na formulação (1), o embreante “nossa” funciona como um sujeito coletivo compacto. Neste caso, o emprego do “nossa”, segundo Maingueneau (2005, p.127), não indica uma soma de indivíduos, mas a presença de um sujeito coletivo. Primeiramente, esse embreante “nossa” se mostra inserido no grupo que também é tentado pelos pecados do trabalho, mas em seguida distancia-se desse grupo, pois faz referência a um coenunciador através do embreante “sua”. Na formulação (2), segundo Maingueneau, a forma “sua” se refere ao leitor efetivo, aquele que lê a revista e se subjetiva nesse lugar; ao usar esta forma, o sujeito enunciador já se distancia do profissional executivo, contrapondo “nossa”/”sua”, para em seguida, na formulação (3), usar o verbo na forma imperativa/injutiva (“entenda”), que incide diretamente sobre o coenunciador; em seguida usa o embreante “você”, o qual marca o coenunciador para o qual o enunciador apresenta as formas como os pecados se manifestam e as soluções para evitá-los. Esse “você” embreado, sem determinantes que o particularizam, define não um indivíduo,

---

\*\*\*\* Embreantes (também chamados de “elementos dêiticos”, “dêiticos”, ou às vezes, “elementos iniciais”), os elementos que no enunciado marcam a embreagem.



mas uma categoria profissional, o empreendedor, o líder, o executivo. Neste caso, “você” tem como referente o coenunciador, aquele que lê a referida reportagem e se identifica nesta posição de sujeito.

Há, portanto, uma jogo entre diferentes pessoas do discurso. Esse jogo marca a relação entre o enunciador e os coenunciadores do texto sob análise e, no nível discursivo, indica, mais uma vez, um jogo entre memória e acontecimento.

## CONCLUSÕES

As análises mostram que o título e o *lead* da reportagem de capa da revista VOCÊ S/A aqui analisados retomam uma memória discursiva acerca dos *pecados capitais*, tal memória remete ao perigo dos pecados e, conseqüentemente, ao perigo a que o coenunciador da referida revista está exposto. Nessa perspectiva, podemos dizer que os enunciados aqui analisados reconstroem imagens cristalizadas acerca do diabo, do pecado e do inferno, os quais funcionam como indícios da presença da cultura religiosa cristã.

A revista VOCÊ S/A enuncia do lugar de quem detém a seriedade do saber sacerdotal do empreendedorismo, da liderança, para ensinar e conduzir seus leitores para o caminho do sucesso e da felicidade, fazendo com que seu coenunciador se desvie das “ciladas do diabo”, dos pecados que podem destruir sua carreira. Desta forma, a referida revista está a serviço do empreendedorismo, pois apresenta-se como um *mídiun* trabalha para formação de líderes e de executivos.

## REFERÊNCIAS

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EduFSCar, 2009.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

- FONSECA-SILVA, Maria da Conceição. Mídias e Lugares de Memória Discursiva. In: **Mídias e Rede de Memória**. Organizadores: FONSECA-SILVA, Maria da Conceição; POSSENTI, Sírio. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007.
- MAINDUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação**. Trad. Cecília P. De Souza-e-Sila, Décio Rocha. 4.ed. São Paulo: Cortez: 2005.
- PÊCHEUX, M.**O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. de E. P. Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. De E. P. Orlandi. 4 ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2009.
- SILVA, Edvania Gomes. **Os (des)encontros da fé** – Análise interdiscursiva de dois movimentos da Igreja Católica. Tese(Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, Campinas, 2006.
- \_\_\_\_\_. Imagens cristalizadas no campo religioso. In: **Da fonética ao Discurso** – Questões de Pesquisa. Organizadores: FONSECA-SILVA, Maria da Conceição e PACHECO, Vera. São Carlos: Claraluz, 2012, p. 123-134.